

Panoramas linguísticos: um estudo fonético- fonológico no bairro da pedreira (Belém-Pará)

Linguistic panoramas: a phonetic-phonological study in the pedreira district (Belém-Pará)

DOI:10.34117/bjdv7n9-058

Recebimento dos originais: 03/08/2021

Aceitação para publicação: 03/09/2021

Ana Cristina Coutinho Ribeiro

(UNAMA)

Mestrado em Administração: Gestão de Recursos Humanos pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Acadêmica de Letras-Português (UNAMA).

Endereço: Rua dos Mundurucus, n° 2680 apto 201, Cremação, Belém-PA.

E-mail: holos16@yahoo.com.br

Daniella Corrêa Lopes Quadros Moraes

(UNAMA)

Especialização em Administração: Gestão Pública e com pessoas, IESAM/ESTÁCIO (Belém-PA). Acadêmica de Letras-Português (UNAMA).

Endereço: Rua Castelo Branco, n° 213 apto 101, Fátima, Belém Pará.

E-mail: daniellamoraes184@gmail.com

Welton Diego Carmim Lavareda

(UNAMA/UniFIBRA)

Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Professor da Universidade da Amazônia e do Centro Universitário Fibra. Endereço:

Travessa Manoel Evaristo, n° 1044, Umarizal, Belém-PA.

E-mail: diego.lavareda@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, panoramicamente, os fenômenos linguísticos da ditongação, harmonização vocálica, monotongação e nasalização no bairro da Pedreira (Belém - Pará). Para tanto, utilizaremos como suporte teórico-metodológico Marcos Bagno (2007), Roberto Camacho (2003) e Fernando Tarallo (2008), tomando como critério inicial uma abordagem qualitativa para a catalogação dos dados. A seleção desta especialização linguística para a pesquisa deve-se a curiosidade de conhecer as diversas manifestações faladas na capital do Estado do Pará e de que maneira estas contribuem para formação identitária da paisagem linguística do referido bairro. Cabe destacar, que as entrevistas realizadas para a produção dos dados analisados foram gravadas e posteriormente transcritas grafematicamente. Assinala-se, portanto, diante do exposto, que é fundamental que se intensifique o processo de descrição do português brasileiro falado, para que possamos ter uma visão mais plural da verdadeira realidade linguística do nosso patrimônio imaterial e, ao mesmo tempo, o quanto é importante reforçarmos uma compreensão conceitual mais plural sobre determinados aspectos que envolvem as paisagens multilíngues brasileiras.

Palavras-Chave: Fonética e Fonologia, Português Brasileiro, Variação Linguística, Sociolinguística.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the linguistic phenomena of diphthongation, vocalic harmonization, monotonation and nasalization in the neighborhood of Pedreira (Belém - Pará). To do so, we will use as theoretical and methodological support Marcos Bagno (2007), Roberto Camacho (2003) and Fernando Tarallo (2008), taking as initial criterion a qualitative approach for data cataloging. The selection of this linguistic spatialization for the research is due to the curiosity to know the various manifestations spoken in the capital of the State of Pará and how they contribute to the identity formation of the linguistic landscape of that neighborhood. It is worth mentioning that the interviews conducted for the production of the analyzed data were recorded and later transcribed graphically. Therefore, it is fundamental to intensify the process of description of spoken Brazilian Portuguese, so that we can have a more plural vision of the true linguistic reality of our intangible heritage and, at the same time, how important it is to reinforce a more plural conceptual understanding of certain aspects that involve the Brazilian multilingual landscapes.

Keywords: Phonetics and Phonology, Brazilian Portuguese, Linguistic Variation, Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Se partirmos do princípio de que uma das funções da língua é permitir a interação comunicativa entre os seus usuários, é indispensável também compreendermos a necessidade de adequação dos falantes às interações que acontecem no contexto social, permitindo a continuidade e a produtividade da ação comunicativa. No entanto, ajustes acontecem para que essa necessidade de adequação de um dado sistema linguístico, não afete tanto o processo de adaptação social construído por todos os seus integrantes.

Os fenômenos linguísticos se caracterizam por mudanças na língua que surgem à medida em que o processo de comunicação entre os falantes vai se aperfeiçoando historicamente. Para subsidiar esse entendimento a respeito dos fenômenos linguísticos, recorre-se às considerações advindas dos estudos de Marcos Bagno (2007), que mencionam a língua como um sistema em contínua adaptação às necessidades das comunidades que fazem uso dela para as peculiaridades existentes no seu processo de interação.

Posto desta forma, a pesquisa realizada no bairro da Pedreira (Belém-PA)¹ destaca os fenômenos da ditongação, harmonização vocálica, monotongação e nasalização, levando em consideração as orientações estabelecidas, à época em sala de aula, para uma catalogação “panorâmica” de dados linguísticos. Assim, como fonte primária de informação foram realizadas entrevistas em uma amostra de quatro voluntários, com faixa etária entre 20 e 40 anos, de ambos os sexos e de diferentes níveis de escolaridade entre os habitantes do bairro já citado.

Como fonte secundária de informação foram transcritas as entrevistas dos quatro voluntários, observando a ocorrência dos fenômenos linguísticos referentes aos aspectos acústicos e fisiológicos efetivos no ato da fala e, posteriormente, foram analisados caso a caso. Afinal, o objetivo geral era analisar as ocorrências dos fenômenos linguísticos da ditongação, harmonização vocálica, monotongação, nasalização em alguns espaços habitados do bairro da Pedreira.

Para melhor estruturar o presente texto, a seguir, destacamos uma breve nota sobre o bairro da Pedreira, a caracterização dos sujeitos e o perfil dos entrevistados, o diálogo teórico-metodológico, a análise dos dados e as considerações finais do estudo.

2 NOTAS SOBRE O BAIRRO DA PEDREIRA (BELÉM-PA)

A Pedreira é um bairro do município de Belém, capital do Estado do Pará, também conhecido por ser o “bairro do samba e do amor”. O título de "bairro do samba e do amor" foi dado pela escritora, jornalista, ativista política, poeta e carnavalesca Eneida de Villas Boas Costa de Moraes. Ela observava que neste bairro havia uma área pulsante de arte, cultura, militância, liberdade e humildade.

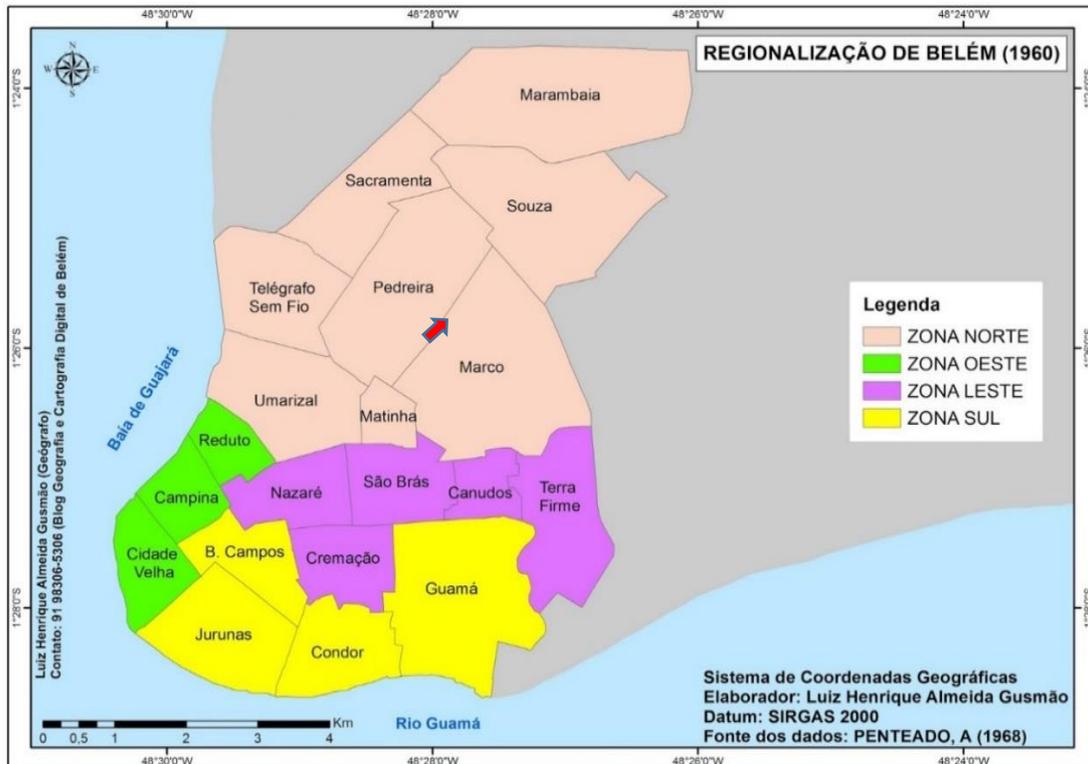
Foi o bairro da Pedreira, inclusive, que Francisco José de Sousa Soares Andrea, escolheu para o desembarque das tropas imperiais que iriam combater os rebeldes cabanos que tomaram Belém na Regência Una de Diogo Feijó. Fato que também mostra como esta localidade dialoga com a principal revolta popular ocorrida no Período Colonial nesta região.

O bairro antes se chamava Pedreira do Guamá, porque era uma área cheia de pedras, segundo à memória popular. Atualmente o bairro se tornou uma referência

¹ A “gênese” desta pesquisa foi realizada na disciplina Fonética e Fonologia, do curso de Letras da Universidade da Amazônia, sob a supervisão do professor Welton Lavareda, e contou com a colaboração para a catalogação dos dados das alunas Natália Araújo Castro e Sandra Vasconcelos Simão (ambas graduandas do curso de Letras - UNAMA).

geográfica de cultura e resistência político-cultural. Peculiaridades que, de uma maneira ou de outra, atravessam a dinâmica linguística em questão.

Figura 01 – Espacialização Linguística



Fonte: PENTEADO, A. (1968)

3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Este estudo valeu-se da aplicação de um roteiro de entrevista com objetivo de fornecer subsídios para que os pesquisadores tivessem um protocolo (uma breve sistematização) no qual pudessem adquirir uma dimensão mínima de alguns fatores extralinguísticos².

Desta forma, foram selecionados os sujeitos que contribuíram com o corpus da pesquisa segundo as variáveis estabelecidas, a saber: faixa etária, sexo e nível de escolaridade, conforme podemos observar na **Tabela 01**.

Tabela 01 – Caracterização Dos Sujeitos

SUJEITO	SEXO	IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE
S1F33EM	FEMININO	33	ENSINO MÉDIO
S2F36EF	FEMININO	36	ENSINO FUNDAMENTAL

² “[...] Fatores extralinguísticos – eles formam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais” (BAGNO, 2010, p. 43).

S3F40ES	FEMININO	40	ENSINO SUPERIOR
S4M40EF	MASCULINO	40	ENSINO FUNDAMENTAL

Fonte: Pesquisa de campo/Fonética e Fonologia, 2019.

Cabe destacar que os sujeitos indicados na **Tabela 01** foram submetidos às seguintes perguntas abaixo.

Tabela 02 – Roteiro Para Entrevista Semi-Estruturada

1.	QUAL O SEU NOME COMPLETO? IDADE? É DO PAPÃO OU DO LEÃO?
2.	VOCÊ GOSTA DE SUA CIDADE? POR QUÊ?
3.	QUANDO ALGUÉM “DE FORA” VEM PARA BELÉM, QUAL O PRIMEIRO LUGAR QUE VOCÊ APRESENTA? POR QUÊ?
4.	SUA INFÂNCIA FOI AQUI MESMO? PODE FALAR UM POUQUINHO DELA?
5.	O QUE O PREFEITO PODE FAZER PARA MELHORAR O BAIRRO?

Fonte: Pesquisa de campo/Fonética e Fonologia, 2019.

4 DIÁLOGO TEÓRICO- METODOLÓGICO

Considera-se a linguagem um mecanismo substancial ao homem, uma vez que é por meio dela que o ser humano suplanta as sensações do plano real para o plano da representação. Nesta perspectiva, então, a linguagem pode ser analisada como o elemento pelo qual os sujeitos melhor se comunicam, interagem. Através das relações entre língua e sociedade e das influências de uma sobre a outra, percebe-se que há diferentes aspectos que contribuem para a existência das variações linguísticas, são alguns deles: geografia, grupos étnicos, sexo, contexto, interação social e classe social. Logo, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado.

Tendo como ponto fundamental em sua abordagem a presença do componente social na análise linguística, a Sociolinguística, de fato, se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social de uma dada comunidade de fala. Do ponto de vista conceitual, não é novidade que todas as línguas estão em processo constante de variação e as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, na prática corrente, se modifica em uma época, lugar ou grupo social, viabilizando seu objeto à gramática histórica, à geografia linguística e à dialetologia, igualmente à variação social, da qual trata a Sociolinguística.

As marcas linguísticas constroem e materializam a identidade de um povo. A maneira como se fala, os costumes, faz com que a região do falante seja reconhecida em qualquer espaço geográfico. As pesquisas no âmbito geolinguístico também apontam a localidade do falante como diferencial para explicação da variação existente em sua fala espontânea. Partindo dessas breves considerações, portanto, podemos adentrar no ramo

da linguística que se preocupa com o estudo das diferenças dialetais ou regionais de uma língua.

Logo, podemos dizer que é por meio da variável linguística, que se pode descrever e analisar a heterogeneidade no uso da língua. Muitos linguistas como Marcos Bagno e Fernando Tarallo também reconhecem prontamente que os grupos sociais de uma comunidade de fala podem diferir um do outro não qualitativamente (usando formas dialetais completamente diferentes uma da outra), mas quantitativamente, usando proporções diferentes de variantes do dialeto em sua fala.

[...] Me parece muito mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme em um laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 32).

“Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade [...]” (TARALLO, 2008, p. 08). Para tanto, devemos evidenciar as noções de comunidade de fala, ou seja, é nesse espaço que se dá a interação entre língua e sociedade. Portanto, é a comunidade de fala, e não o indivíduo, que interessa mais ao pesquisador da Sociolinguística. Pressupostos que fornecem, inclusive, a ênfase direcional desta pesquisa.

Nesse sentido, segundo Souza e Paiva (2021) apud Ferrarezi e Carvalho (2017), identificar as marcas linguísticas peculiares ao locutor e ao interlocutor de uma fala, constitui um modo de se explorar essa variação, levando em consideração que ela se evidencia por meio de marcas, formas e estruturas, características das variações de uma determinada comunidade, bairro, região, entidade e outros ambientes.

Cenário que dialoga com o livro “A língua de Eulália” de Marcos Bagno, em que a imposição marca a diferença entre a língua falada, que nem sempre segue o padrão imposto “por lei”, português-padrão, chamado também de “norma culta”. Enquanto que o português-padrão é apreendido nas escolas e exigido na linguagem escrita, o “taxado português não padrão” é passado de geração em geração oralmente.

Torna-se necessário, então, “[...] descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange ao português brasileiro falado, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva do contato linguístico” (CARDOSO, 2010, p. 169). Afinal, é de acordo com tais identificações, que ao interagir com o outro, por meio da fala, o

sujeito se compõe, se fratura, estabelecendo as diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo por meio de uma dada materialização linguística.

Logo, quando falamos, movemo-nos em um espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas. Para Bortoni-Ricardo (2005), no processo de subjetivação linguística, os falantes selecionam as regras de seu repertório, de modo a assemelharem-se ao grupo de referência a que desejam se associar. Sobre a disposição promovida pelo falante, afirma que ela se volta “[...] aos membros de uma rede virtual, com quem o falante deseja identificar-se e de quem ele ou ela espera receber ratificação ou aprovação [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 178).

Ao refletirmos sobre o comportamento da fala do ser humano, portanto, é indispensável percebermos o ambiente e as relações que o circundam, detalhes que se refletem na maneira como esse indivíduo irá se expressar, na escolha lexical e no uso ou não de determinada variedade linguística. Isso implica, por conseguinte, pensar no indivíduo como integrante de um grupo, aliado às práticas que este impõe, e como ator social que representa diversos papéis, de acordo com a exigência dos diversos contextos.

5 FENÔMENOS FONÉTICO- FONOLÓGICOS

Os fenômenos-fonéticos estão ligados aos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons efetivos no ato de fala referente a sua produção, a sua articulação e as suas variedades. Deste modo, os tópicos a seguir exploram de maneira conceitual as particularidades fonético-fonológicas que mais de perto atravessam este texto.

5.1 NASALIZAÇÃO

A nasalização, segundo Callou-Leite (1990), “refere-se ao modo de articulação quando o palato mole se abaixa permitindo que o ar passe, de maneira auditiva, através do nariz. Qualquer som poderá ser nasal seja ele consonantal ou vocálico”

[...] A nasalização é um fenômeno linguístico em que a vogal nasal tem a propriedade obrigatória de ressonância da cavidade nasal. Em português, é fonologicamente relevante distinguir entre vogais nasais e vogais nasalizadas ou entre o fenômeno de nasalização e de nasalidade. Em casos de nasalização, a vogal nasal é sempre seguida de uma consoante oral, como em santo [‘sãto] ou lindo [‘lĩdo] ou ocorre em fim de palavra - [‘sĩ] sim ou [‘tõ] tom. A constante oral pode vir ou não precedida de murmúrio nasal (SILVA, 2011, p.41).

5.2 HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA

Fenômeno fonológico em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio, por exemplo, uma palavra. A harmonia vocálica opera em certas variedades do português brasileiro afetando, com certa regularidade estrutural, as vogais médias. Nestes casos, as vogais pretônicas compartilham a mesma propriedade de abertura vocálica da vogal tônica. Se a vogal tônica for média-alta, as vogais pretônicas serão médias-altas, como por exemplo: p[ɔ]f[ɛ]ss[ɔ]r, p[ɔ]d[ɛ]r[ɔ]so, r[ɛ]c[ɛ]so. Se a vogal tônica for média-baixa, as vogais pretônicas serão médias-baixas, a saber: p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca, p[ɔ]r[ɔ]r[ɔ]ca, m[ɛ]t[ɛ]rito, p[ɔ]d[ɛ]r[ɔ]as. Em algumas variedades de português podemos sugerir que a harmonia vocálica opere entre as vogais altas. Exemplos seriam: p[i]r[i]r[i]go, c[u]r[u]já, c[u]m[i]da. No entanto, há no estado da arte divergência de tratamento dos dois casos como fenômenos análogos ou diferentes.

5.3 MONOTONGAÇÃO

Para Thais Silva (2011) a monotongação é fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido com uma única vogal, ele ocorre, em português, com ditongos decrescentes, como por exemplo, em f[ei]ra > f[e]ra, b[ai]xa > b[a]xa, l[ou]co > l[o]co ou com ditongos crescentes qu[ie]to > qu[ɛ]to, alíq[uo]ta > alíq[ɔ]ta.

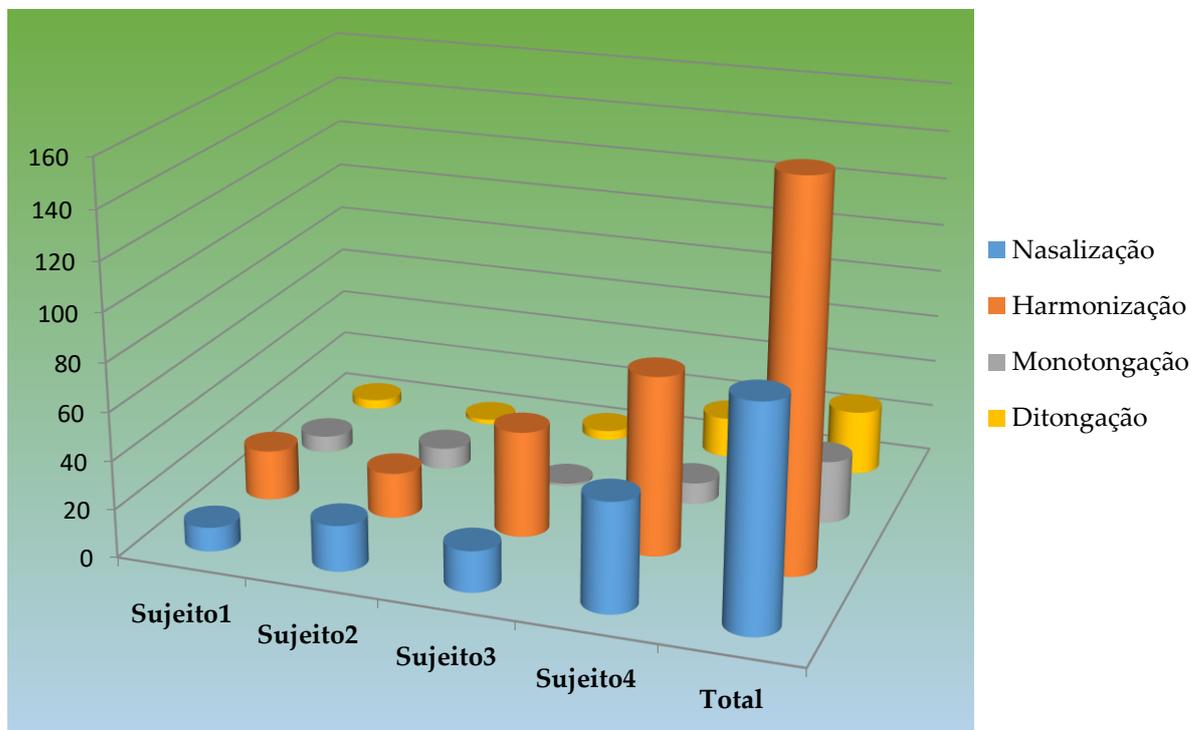
5.4 DITONGAÇÃO

A ditongação, de acordo com Silva (2011), “é um fenômeno fonológico em que uma vogal simples, ou monotongo, passa por uma glide após uma vogal ou transformação de um monotongo em um ditongo”. No português brasileiro, a ditongação ocorre, em alguns dialetos, geralmente, em vogais tônicas e em final de palavra, como, por exemplo, em português [pohtu'geis]; ou ocorre em vogais tônicas seguidas de consoantes palatais como em pejeja [pe'leizɐ]; ou ocorre em hiato, como em Andréa [ã'drɛia] ou boa ['bɔa], dentre outros. A ditongação, em português, ocorre em variação com monotongos.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DOS FENÔMENOS ESTUDADOS

Gráfico 01 – Fenômenos Catalogados No Bairro Da Pedreira



Fonte: Pesquisa de campo/Fonética e Fonologia, 2019.

6.2 PANORAMA DOS DADOS LINGÜÍSTICOS OBSERVADOS NO BAIRRO DA PEDREIRA

O português falado no Brasil tem características fonético-fonológicas que foram evoluindo na língua ao longo do tempo, levando em consideração a própria expressão falada em seus contextos sociais.

Nesse sentido, Roberto Camacho (2003), indica que ocorrem variações fonéticas e fonológicas ou fenômenos linguísticos no processo de interação dos falantes de um determinado ambiente e de uma forma diferente nos falantes de outro ambiente.

Esta pesquisa, como já mencionado anteriormente, tem como objeto o estudo de 4 (quatro) fenômenos linguísticos que são: ditongação, monotongação, nasalização e harmonização vocálica no ambiente de falantes do bairro da Pedreira em Belém. Assim, entre esses, o fenômeno da harmonização vocálica foi o que mais se destacou com regularidade, principalmente pela sonoridade e articulação dos fonemas presentes na fala e nas culturas locais do referido bairro. Afinal, hoje em dia se verifica com maior clareza,

uma diversidade nos contextos socioculturais em geral que indicam as semelhanças e diferenças que acontecem entre as diferentes variedades do português brasileiro.

De uma região para outra ou de um falante para outro, no próprio bairro estudado, notamos diferenças no uso real da língua. No exemplo da palavra escolaridade, mencionada em um dado momento da entrevista do Sujeito 01 (**S1F33EM**), a sonoridade final [dʒi] pode ser considerada um alofone do fonema /d/, característico das populações do Norte do Brasil, se comparado as populações do Sul em que não há de forma tão marcada esta manifestação. Embora ocorra diferença fonética entre a articulação fonética dos falantes das regiões Norte e Sul, o fonema /d/ é o mesmo, considerando que o significado do vocábulo não mudou.

Assim, o /d/ é um exemplo de alofone, ou seja, é variante de um fonema. A diferença física não provoca o aparecimento de outro fonema. Conforme os estudos linguísticos são o mesmo fonema, porém fisicamente distintos. A variante de um fonema será, então, o fonema manifestado com pouca diferença articulatória e acústica.

De acordo com Marcos Bagno (2007), em Gramática Histórica do Português Brasileiro, a nasalização é a transformação de um segmento oral em nasal: nec > nem ; mi > mim ; sic > sim . Esse fenômeno também pode ser chamado, didaticamente, de metaplasmo porque se caracteriza por uma mudança na estrutura da palavra que pode acontecer por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons que a compõem.

No caso do fenômeno da nasalização, encontramos na fala do **S4M40EF**, por exemplo, a alteração no vocábulo “indentidade” por acréscimo de “n” no fonema inicial de “identidade”. Esse processo também se classifica no estado da arte como um metaplasmo por transformação.

A definição de metaplasmos perpassa o âmbito dos processos de transformações fonéticas que existem em uma língua. Para Câmara Jr., eram formas variantes, pois: “o metaplasmo estabelece uma variante em face de uma forma básica” (CÂMARA JR., 1978, p. 167). No caso dos metaplasmos contemporâneos, consideramos as transformações ocorridas a partir da língua (no nosso caso português brasileiro), quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro.

Em diálogo com a pesquisa de campo realizada no Bairro da Pedreira, foram encontradas formas de supressão de fonemas que caracterizam o fenômeno da harmonização vocálica, predominante na fala dos voluntários (**S1F33EM**, **S2F36EF**,

S3F40ES e S4M40EF), como podemos observar, no vocábulo “cidad*i*” em vez de “cidade” a ocorrência do fonema e com som de *i*.

Em consonância com a pesquisa de campo realizada no Bairro da Pedreira, vale ressaltar, foram encontradas formas de supressão de fonemas que caracterizam o fenômeno da harmonização vocálica, predominante na fala dos voluntários (**S1F33EM, S2F36EF, S3F40ES e S4M40EF**), como podemos observar, no vocábulo “cidad*i*” em vez de “cidade” a ocorrência do fonema e com som de *i*.

Em diálogo com outra constatação feita a partir da pesquisa de campo realizada no Bairro da Pedreira, catalogamos algumas transcrições da frequência à supressão em [ay], [ei] e [ow], como exemplos da relação ditongação/monotongação.

Como podemos observar na fala de moradores do referido bairro, ocorreu com maior frequência e regularidade a supressão em [ow], [ay] e [ei]: sou [so], mais [ma], peixe [ˈpeʃi] e cadeira [kaˈdera]. Foi observado que em todos os entrevistados houve a ocorrência do fenômeno supressão de [w], [y] e [e]. Isso implica investigar futuramente também quais condições sociais e geográficas estão atuando nestes sujeitos para poder chegar a um entendimento total da ocorrência nessa localidade. Para tanto, salientamos que o estudo que foi realizado ainda tem característica de uma pesquisa-piloto realizada no âmbito da Graduação.

Vale ressaltar, ainda, que os dados apresentados solidificam uma peculiaridade de extrema relevância linguística, afinal, se o sujeito fala “peixe” (peixe), por que ele não fala “peto” (peito)? Neste caso, os fenômenos da monotongação de ditongos orais decrescentes na pesquisa indicaram o seguinte padrão geral: constatou-se que [ei] e [e] só não mudam a carga semântica do vocábulo em questão quando ocorrem diante de [r] e [ʃ], conforme indicam os dados igualmente apresentados por Carlos Cagliari (2009).

Baseado nestes pontos, portanto, nota-se que as pesquisas fundamentadas na Sociolinguística contemporânea mostram que é possível desenvolver práticas significativas de descrição de dados linguísticos em vista de uma real visão das paisagens multilíngues brasileiras. E, por consequência, refletirmos sobre atitudes intolerantes e discriminatórias com relação ao nosso patrimônio linguístico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo analisou-se como o processo de variação linguística ocorre em ambientes distintos em um determinado espaço urbano, com características específicas

de ocupação, diversidade cultural, crenças e necessidade de criar formas alternativas de sustentabilidade como no caso do bairro da Pedreira.

Por meio dos resultados obtidos, constatou-se que os falantes voluntários da pesquisa, de faixas etárias diferentes, escolarização básica, prioritariamente, e atividade de trabalho voltada à prestação de serviços, tendem a usar mais variantes linguísticas na fala para manter o processo de comunicação interativo com outros falantes e como mecanismo de maior interação social.

Com relação à variável gênero, especificamente no que se refere às mulheres respondentes, houve claramente menor ocorrência dos fenômenos linguísticos apontados, foco deste estudo, pois observou-se que o entrevistado que apresentou a menor média percentual de ocorrências foi o Sujeito 01 (**S1F33EM**) com 16%, gênero feminino, e o de maior foi o Sujeito 04 (**S4M40EF**) com 30% de ocorrências, gênero masculino.

Este estudo, portanto, vem dinamizar e redimensionar uma postura educacional mais ampla para os usos de diferentes níveis de variação linguística em sua dimensão interna, reconhecer diferentes tipos de variações linguísticas motivadas por fatores externos à língua e a identificar fenômenos em variação no português brasileiro, nas dimensões fonético-fonológicas. Afinal, para que o ensino de língua materna não se centralize apenas nas regras rígidas da gramática normativa é preciso, também, que novos olhares sobre o português brasileiro se efetivem e, ao mesmo tempo, que possamos pluralizar os debates sobre as paisagens multilíngues brasileiras.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em linguagem**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALLOU, D. LEITE, Y. **Iniciação a fonética e a fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1990.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **O formal e o funcional na teoria variacionista**. In: RONCARATI, C. ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro**. Contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 55-65. 2003.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática, referente à Língua Portuguesa**. Petrópolis: Brasil Editora Vozes, 1978.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **A história do alfabeto**. Ed. Paulistana. São Paulo, 2009.
- LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1977.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- SILVA, Thais Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOUZA, Vanessa Cardoso dos Santos; PAIVA, Natalina de Souza, 2021 apud (FERRAREZI, J. C.; CARVALHO, R. S. **De alunos a leitores – O Ensino da Leitura da Educação Básica**. São Paulo: Parábola Editorial. 2017). **Análise da matriz de referência do saeb de 2015 a 2019: reflexões curriculares em Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da Semed/Manaus**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.8, p.76595 – 76612 aug. 2021.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2008.